

Fausta Deshormes

A força tranquila das convicções

MARIA REGINA TAVARES DA SILVA*

Conheci Fausta Deshormes em 1985, quando Portugal se preparava para a entrada na Comunidade Económica Europeia (CEE). Fausta era a responsável pelo Serviço de Informação às Mulheres da Comunidade e, nessa qualidade, convidou quatro representantes da então Comissão da Condição Feminina para uma visita de estudo em Bruxelas, de que recordo os múltiplos contactos com vários serviços, pessoas e instâncias da Comissão, para além de uma visita mais formal no âmbito do Parlamento Europeu.

Fausta estava na etapa final e mais conhecida da sua carreira na Comissão Europeia, num percurso em que procurara abrir caminhos para as mulheres e para o reconhecimento do seu direito à igualdade numa Comunidade Europeia que queria ver construída na base da paz, da cooperação, da igualdade, da liberdade e da solidariedade.

Abrir caminhos para as mulheres – foi também esse o objectivo deste encontro e desta visita, bem como dos contactos frequentes que se seguiram

.....

DOI: <https://doi.org/10.34619/q35f-8649>

* reginatavaresdasilva@gmail.com

entre Fausta Deshormes e a Comissão portuguesa. Esta era, aliás, a sua prática com os mecanismos institucionais para a igualdade existentes nos vários países (comissões, conselhos, ministérios, departamentos...), aos quais Fausta dava apoio, estímulo e incentivo para a construção de uma Europa comunitária em que as mulheres tivessem o seu lugar por direito próprio e incontestado.

É este apoio à causa das mulheres e aos seus direitos, prestado por Fausta Deshormes a Portugal, que quero recordar neste breve texto. Uma recordação tanto mais viva para mim, porque os anos que decorreram entre 1986 e 1992, data em que Fausta terminou as suas funções na Comissão Europeia, foram aqueles em que presidi à Comissão da Condição Feminina, depois Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, o que proporcionou um diálogo que foi, para mim, constante e enriquecedor.

Foram anos de uma efectiva e preciosa colaboração; recorro as iniciativas, os projectos, os seminários... mas recorro, de modo particular, o entusiasmo e a convicção que animavam todas estas acções; e tudo isto, misturado com uma postura tranquila e afável que caracterizava Fausta Deshormes e que nos conquistou desde o primeiro momento.

Mas quem era Fausta Deshormes? De origem italiana, licenciada em Direito, foi na área do jornalismo e da informação que prosseguiu a sua carreira, primeiro a nível nacional, depois europeu. No entanto, a perspectiva da construção europeia foi determinante na sua visão desde o início e, enquanto responsável da revista *Giovane Europa*, esteve mesmo presente na cerimónia de assinatura do Tratado de Roma.

Após o casamento, a família fixou residência em Bruxelas, e aí o contacto próximo com a Comissão Europeia e a experiência pessoal das dificuldades sentidas no acesso a uma instituição em que a presença das mulheres e o seu contributo não eram devidamente reconhecidos, reforçaram nela a necessidade de lutar pela visão de igualdade que a animava. Uma tomada de consciência da condição de minoridade das mulheres e das dificuldades por elas experimentadas que terá certamente influenciado a sua visão sobre a necessidade de lutar por um lugar para as mulheres na construção europeia e reforçado a urgência de promover a sua participação em termos de igualdade e enquanto requisito democrático de justiça e de cidadania.

Registou-se, aliás, uma coincidência temporal favorável, já que havia, por essa altura, no discurso oficial da comunidade internacional, uma

tendência crescente de legitimação política, nunca antes experimentada, relativamente às questões da igualdade e dos direitos das mulheres, da qual Fausta tirou partido da melhor maneira. Encarou como missão pessoal dar visibilidade a estas questões, não apenas no âmbito da própria Comissão e das várias instâncias da Comunidade, mas também nos países-membros, quer junto dos mecanismos nacionais para a igualdade, quer no diálogo com e entre as mulheres e as suas organizações.

A nível europeu, por exemplo, é bem conhecido o papel de Fausta Deshormes para garantir uma presença significativa de mulheres por altura das primeiras eleições directas de sufrágio universal em 1979 para o Parlamento Europeu. Foi uma vasta campanha de sensibilização da opinião pública, a nível europeu e ao nível dos vários países. E também junto das candidatas, informando sobre a Comunidade, as suas instituições e o seu trabalho. Conhecido também é o resultado que se traduziu quantitativamente numa subida de 6% para 16% de mulheres no Parlamento Europeu relativamente à legislatura anterior, e uma percentagem superior à dos Parlamentos nacionais nesta época. Mas, para além do resultado quantitativo, registou-se também uma evolução qualitativa no que respeita à consideração das questões relativas à situação das mulheres e à igualdade, que viria a traduzir-se, primeiro na criação de uma Comissão *ad hoc* para os Direitos das Mulheres logo em 1979, e que viria a evoluir para a Comissão dos Direitos das Mulheres, com estatuto e funções acrescidas de intervenção e de consulta.

Por outro lado, no que se refere ao seu papel junto dos Estados-Membros, são múltiplas as acções que prossegue, informando e esclarecendo sobre as várias dimensões da construção europeia, numa dupla perspectiva de defesa de valores europeus e de ideais feministas, apoiando e financiando iniciativas nacionais, como conferências, seminários e colóquios, promovendo visitas de estudo, etc. É, pois, neste âmbito que se insere o contacto de Fausta com a Comissão da Condição Feminina e com as organizações de mulheres portuguesas.

Recordo algumas dessas iniciativas organizadas pela Comissão da Condição Feminina com o apoio de Fausta Deshormes, por vezes em colaboração com outras instâncias nacionais e comunitárias. A Comissão da Condição Feminina prosseguia, na segunda metade da década de 1980, um esforço consistente de alargamento a novos grupos a atingir com a sua mensagem, depois de uma fase inicial particularmente dedicada à avaliação da situação das mulheres

e a propostas de alteração do seu estatuto, designadamente do ponto de vista jurídico. Havia assim uma convergência de pensamento no sentido de passar a mensagem em círculos cada vez mais amplos e mais diversificados.

Recordo apenas dois exemplos significativos de acções então realizadas com o apoio de Fausta Deshormes, uma de âmbito nacional, outra de âmbito europeu, embora realizada em território nacional. A primeira foi um Seminário sobre o tema “As Autarquias e a Informação às Mulheres”, que teve lugar no Forum Picoas em Lisboa. Com mais de 300 participantes vindos de autarquias de todo o país, constituiu um primeiro momento de um longo percurso de trabalho com instituições ao nível autárquico, hoje traduzido em protocolos de colaboração com a grande maioria dos municípios e na existência de conselheiros/as locais para a igualdade, serviços locais de informação, etc.

A segunda acção foi um Seminário Europeu sobre o tema “As Mulheres Agricultoras”, que teve lugar nas Caldas da Rainha, também com o apoio técnico e financeiro de Fausta Deshormes e do seu Serviço de Informação às Mulheres. Contou com perto de 600 participantes de todos os países comunitários e teve o patrocínio de entidades ligadas ao sector, quer nacionais – a Confederação dos Agricultores Portugueses (CAP) e a Associação dos Jovens Agricultores de Portugal (AJAP) –, quer europeias – o Comité das Organizações Profissionais Agrícolas (COPA) e o Conselho Europeu dos Jovens Agricultores (CEJA) –, bem como de entidades governamentais (a nível central e local e da Presidência da República) e europeias (incluindo a Comissão dos Direitos das Mulheres do Parlamento Europeu).

Este Seminário era dirigido a um sector vasto da população feminina, muitas vezes esquecido ou menorizado, quer a nível nacional quer internacional, e procurava dar visibilidade e reconhecimento ao seu contributo e propor caminhos para a melhoria do seu estatuto. Recordo as palavras de Fausta Deshormes, na sessão de encerramento, afirmando com confiança: “o caminho percorrido desde o artigo 119 do Tratado de Roma até à política de igualdade de oportunidades dos nossos dias, é um caminho irreversível [...]. Mas com uma condição: que as mulheres tomem em mãos o seu próprio destino”. E concluía: “É assim nesse espírito que contamos poder continuar a trabalhar em Portugal para a promoção dos direitos das mulheres e para a sua tomada de consciência, certas de que não se trata de um problema sectorial, mas dum verdadeiro problema de mudança da sociedade.”

Era esta mudança da sociedade no sentido da justiça e da igualdade para as mulheres que movia Fausta Deshormes, sobretudo conquistando as próprias mulheres, através da informação e da comunicação, e do estímulo e apoio à constituição de redes de mulheres em todos os países comunitários.

Uma acção de relevo nesta óptica e que importa recordar, porque emblemática do seu esforço para alcançar este objectivo, foi a iniciativa de boas-vindas às mulheres portuguesas e espanholas por altura da adesão de ambos os países à CEE, em 1986. Uma iniciativa que permitiu múltiplos contactos com e entre mulheres e organizações de todos os países-membros. A convite de Fausta, 50 mulheres portuguesas e espanholas, organizadas em pequenos grupos, realizaram visitas simultâneas às várias capitais dos países-membros para encontros com as organizações de mulheres desses países, terminando com uma avaliação final de todos os grupos em Bruxelas, na sede da Comunidade. Foram redes que ficaram, laços de amizade e promessas de acção conjunta que frutificaram. E sempre, em tudo isto, a figura tutelar de Fausta Deshormes e o seu inesgotável entusiasmo.

Fausta prosseguiu este esforço de criação de contactos e de redes de mulheres em várias frentes e sob diversas formas, sendo amplamente reconhecido o papel desempenhado pela publicação *Mulheres da Europa*, a revista que criou e que, publicada nas várias línguas comunitárias, se tornou o “jornal oficial” das mulheres europeias, divulgando informação sobre a vida política e as instituições europeias, mas também informação das organizações de mulheres, seus objectivos, interesses e preocupações dirigidos às instâncias europeias.

Também aqui o entusiasmo de Fausta está bem expresso no modo como, em editorial de um dos primeiros números, encarava o próprio papel da revista que, segundo ela, era um boletim “destinado, não apenas, a ser lido”, mas a “ser emprestado, copiado, recopiado, anotado, completado, enriquecido...”, isto é, usado de todas as maneiras possíveis para chegar ao objectivo final – a informação como arma para mudança. Esta informação regular era completada por suplementos e cadernos de carácter monográfico, que constituíam momentos especiais de informação sobre aspectos específicos da situação das mulheres europeias ou sobre a situação das mulheres de um determinado país, o que foi também o caso de Portugal.

Para além de ter sido uma publicação regular durante quase uma década e meia, entre 1977 e 1992, e um elo privilegiado de ligação e de dinamização

de redes e contactos entre as mulheres e as suas organizações em todos os países da então Comunidade Europeia, *Mulheres da Europa* foi também um elemento-chave na dinamização de um movimento que viria a contribuir para a criação do Lobby Europeu de Mulheres, que é hoje uma vasta plataforma constituída por mais de 2000 organizações de 31 países europeus.

Curioso, no que a Portugal diz respeito, foi o facto, que Fausta também notou e apreciou, de a primeira Presidente do Lobby Europeu de Mulheres ter sido uma portuguesa, a Dra. Ana Vale, membro do Conselho Consultivo da então Comissão da Condição Feminina, em representação da secção de mulheres da CGTP. Na qualidade de observador, o Lobby tinha assento no Comité Consultivo para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens da Comissão Europeia, constituído por representantes nacionais dos respectivos mecanismos para a igualdade. E a Presidente do Comité, nesse primeiro ano do Lobby, era também portuguesa – no caso, era eu própria –, uma situação que não deixou de ser notada, porque eram as duas instâncias de aconselhamento da Comissão Europeia na área da situação das mulheres, uma de carácter governamental, outra não-governamental, que funcionavam no âmbito do Bureau para o Emprego das Mulheres e com o acompanhamento do Serviço de Informação às Mulheres.

O esforço continuado de diálogo, tendo em vista a construção de uma Europa em que as mulheres tivessem o seu lugar de pleno direito, que constituiu a linha de força de acção de Fausta Deshormes, foi bem simbolizado por uma grande campanha de sua iniciativa, que em Portugal também acompanhámos e cujo *slogan* por si só é bem ilustrativo desta visão e deste esforço. Era este o mote da Campanha: “As mulheres, uma oportunidade para a Europa, a Europa, uma oportunidade para as mulheres”. Era como que uma proclamação que invadiu salas de reunião, colóquios e conferências de instâncias europeias e nacionais, exprimindo de forma clara a interacção profunda entre a dimensão comunitária e a perspectiva feminista, que me parece constituir uma marca indelével da acção de Fausta Deshormes.

A última presença que recorro de Fausta Deshormes em Portugal foi em Maio de 1992, ano em que cessou as suas funções na Comissão Europeia. Foi por altura de um Seminário Europeu, no âmbito da Presidência Portuguesa da União Europeia que ocorria nesse semestre e em que, com uma presença numerosa de representantes de todos os países da União, se abordou o tema geral “Construir a Igualdade”, considerando quatro grandes

vertentes (aliás decorrentes do então recente “Terceiro Programa de Acção Comunitária a Médio Prazo 1991-1995: Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens”), a saber: a integração da dimensão da igualdade, ou seja, o chamado *gender mainstreaming* em todas as políticas; a resposta a situações específicas como as mulheres migrantes ou a feminização da pobreza; as estratégias para construir a igualdade; e a participação das mulheres no mercado de emprego.

Nomes conhecidos de mulheres, feministas, políticas, investigadoras – como Evelyn Sullerot, Éliane Vogel-Polsky, Maria Angeles Durán, Margaret Gallagher, Manuela Silva e tantas outras – estiveram presentes e deram o contributo do seu saber.

Foi o último contacto de Fausta com a então Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. Mas, para nós que a conhecemos e com ela interagimos, a sua imagem e a sua mensagem permanecem. Imagem de Mulher da Europa, que foi justamente apelidada de uma das suas Mães Fundadoras. Foi Jacqueline de Grootte, que com ela colaborou no percurso que conduziu à constituição do Lobby Europeu de Mulheres, que eloquentemente referiu: “Há os Pais fundadores da Europa. Fausta merece verdadeiramente o título de Mãe da Europa no feminino”.

Neste percurso não posso deixar de terminar referindo a comovente mensagem que recebi no dia seguinte à morte de Fausta Deshormes, ocorrida em 2 de Fevereiro de 2013. Enviada pelos seus filhos, Agnès e Etienne Deshormes, a um vasto grupo de colaboradores e pessoas amigas, a mensagem era de Fausta e, usando as duas línguas da sua vida, dizia:

Cari amici	Mes Amis
Vi saluto	Je vous salue
La vita è stata bella.	La vie a été belle
Fausta	Fausta

É uma mensagem que a define bem. A vida foi bela porque, de forma serena e tranquila, mas determinada, Fausta acreditou e lutou por um ideal de justiça e de igualdade, com toda a força das suas convicções.